

relações pessoais e profissionais. Se recuarmos até à Época Moderna e observarmos a realidade diária de um mosteiro feminino, que alimentos circulavam, qual a sua origem, como eram partilhados e qual era a sua função na comunidade de religiosas? E finalmente, qual a relação entre alimentação, saúde, doença e espiritualidade?

Do jejum à iguaria, este estudo propõe uma reflexão sobre hábitos gastronómicos dentro de uma comunidade clarissa, tendo como ponto de partida testemunhos escritos deixados pelas mãos das próprias religiosas.

Palavras-chave: literatura conventual feminina; Época Moderna; alimentação; saúde; clarissas

Ana Reis é mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes. Colaborou na edição de *Memorial dos Milagres*, de Soror Maria de Mesquita Pimentel e na edição de *Memorial da Paixão* da mesma autora (em revisão). Frequenta o Doutoramento em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos (FLUP), sendo bolsreira da FCT.

“FICANDO ABSORTA, SE ACHOU BANHADA DE UMA SOBERANA LUZ, COM A QUAL SENTIU SE LHE INFUNDIRA HUMA PERFEITA INTELIGÊNCIA”. EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E RESISTÊNCIA NO CONVENTO DE SANTA MÓNICA DE GOA

Ana Teresa Hilário (CHAM-NOVA-FCSH)

Partindo da premissa de que “os conventos parecem ter sido, desde a Idade Média, fontes de criatividade feminina e de produção intelectual” (Evangelisti, 2007), e tendo sido atestado que em clausura ou não, estas mulheres tinham a capacidade de se engajar na escrita, na leitura, nas artes visuais e musicais, é intenção da nossa comunicação demonstrar e analisar a existência de traços de educação e aprendizagem das freiras de Santa Mónica de Goa, bem como de momentos de resiliência e/ou conflito associadas a estas actividades e capacidades das freiras agostinhas. Pretendemos entrar neste universo do primeiro convento feminino a ser fundado no império português através das *Regras do Noviciado do Convento de Santa Mónica*, que nos permitem compreender os objetivos que as tutelas masculinas tinham para a educação das freiras e noviças goesas, e da obra de Frei Agostinho de Santa Maria (1699), que contando as vidas de diversas freiras nos dá perceção, muitas vezes de forma indireta, da existência de mulheres cultas e dotadas no Convento de Santa Mónica e de momentos de tensão em torno destas questões. Para levantar o leque de questões e para sugerir propostas de interpretação e análise das mesmas, quando aplicadas ao convento de freiras agostinhas em Goa, recorreremos ao método comparativo com estudos análogos produzidos sobre outros conventos em contexto colonial.

Palavras-chave: Ensino conventual feminino; Mulheres coloniais; Convento de Santa Mónica; Freiras e noviças goesas.

Ana Teresa Hilário Mestre em História Moderna e dos Descobrimentos; Assistente de Investigação no CHAM-Centro de Humanidades (NOVA-FCSH), com uma investigação de Doutoramento intitulada “Género, regulação e resiliência no Convento de Santa Mónica de Goa (1606-1734)”; Membro da equipa da Cátedra UNESCO “O Património Cultural dos Oceanos”